

As Divergências entre Lênin e Trotsky e Seu Contexto Histórico

Oswaldo Coggiola

Como citar: COGGIOLA, O. As Divergências entre Lênin e Trotsky e Seu Contexto Histórico. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.165-197. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p165-197>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

AS DIVERGÊNCIAS ENTRE LÊNIN E TROTSKY E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Oswaldo Coggiola

As divergências entre Lênin e Trotsky, prévias à Revolução de Outubro, são frequentemente apresentadas fora do seu contexto histórico e conjuntural (político). Embora a diferença de idade entre ambos fosse de só uma década, eles pertenciam a duas gerações diferentes do socialismo russo. Lênin, nascido na primeira metade de 1870, pertencia à segunda geração, depois daquela dos fundadores (com, entre outros Guiorgui Plekhánov), a geração dos exilados que tentaram implantar o partido socialdemocrata (POSDR) na Rússia czarista. Trotsky, nascido na segunda metade de 1879, pertencia à geração dos ativistas que agiu nas condições de um POSDR já relativamente implantado no império dos czares, padecendo com frequência perseguições, prisão e exílio, no quadro de uma Internacional Socialista já claramente dividida entre reformistas e revolucionários. Poder-se-ia dizer - tema relativamente pouco estudado - que pertenciam a duas gerações com sensibilidades políticas e até históricas relativamente diferenciadas, diferença oriunda do diverso tipo de tarefas teóricas e políticas com que se viram confrontadas.

Em 1898, houve a primeira tentativa de se fundar um partido socialista na Rússia, num pequeno congresso, com apenas nove representantes, dos quais seis representavam o *Bund* (“união”), União Judaica Trabalhista

de Rússia, Polônia e Lituânia, chamada em iídiche de *Algemeyner Yidisher Arbeter Bund in Lite, Poyln un Rusland*, ou simplesmente *Bund*.¹ Ao mesmo tempo, importantes greves aconteciam, empreendidas pelos operários têxteis de São Petersburgo, entre 1896 e 1897. O movimento refluíu, e o partido ficou inicialmente no papel, desarticulado pela repressão. Seus principais dirigentes e alguns organizadores buscaram refúgio no estrangeiro, de onde continuaram sua atividade propagandística em direção da Rússia, publicando notadamente o jornal *Iskra* (A Faísca), introduzido e distribuído clandestinamente na Rússia.

Já aparecia com destaque o trabalho político e a polêmica teórica de Lênin (codinome de V. I. Ulianov), membro da segunda geração marxista, e irmão mais novo de Alexander Ulianov, que tinha sido enforcado por participar de uma conspiração para assassinar o Czar, desmantelada,

¹ Em 1882, Leo Pinsker, socialista judeu vinculado ao populismo, diante da extensão e brutalidade dos *pogroms* no Império Russo, passou a defender um Estado (com território) próprio para os judeus, antecipando a ideia do sionismo, fundado só quinze anos mais tarde em congresso internacional em Basileia. O Bund foi organizado em 1897 no congresso constituinte dos grupos socialdemocratas judeus em Vilna, na Lituânia, chamada de “Jerusalém do Leste”; agrupava principalmente os elementos semiproletários dos artesãos judeus das regiões ocidentais da Rússia. Os seus principais líderes eram Arkadi Kramer e Vladimir Medem. No I Congresso do POSDR, o Bund passou a fazer parte do POSDR como «uma organização autônoma, independente nas questões referentes especificamente ao proletariado judeu». No II Congresso do POSDR, tendo este rejeitado as exigências do Bund de ser reconhecido como único representante do proletariado judeu, o Bund abandonou o partido. Foi Leon Trotsky, ele próprio de origem judaica, quem falou contra a pretensão do Bund de representar o proletariado judeu, separado do restante do proletariado do Império Russo. O povo judeu, obrigado a viver em províncias periféricas pelo regime czarista, com escassos direitos trabalhistas e educacionais, confinado em pequenas aldeias (*shetlts*), desempenhava tarefas, sobretudo, como artesãos, vendedores ambulantes, domésticos e outros, de mera sobrevivência. Sete milhões de judeus de Europa do Leste, que falavam iídiche, viviam sua pobreza em uma situação de isolamento cultural. Dessa situação surgiu o que se chamou de “socialismo judeu”, a partir de uma vasta classe trabalhadora oprimida, e de uma intelligentsia aculturada, mas não necessariamente assimilada, influenciada pelo socialismo russo, e depois também pelo nacionalismo judeu sionista. As primeiras organizações socialistas judias apareceram na década de 1870, buscando sintetizar os princípios gerais do socialismo com as necessidades particulares da sociedade judia. Os internacionalistas, inclusive judeus, propugnavam a assimilação dos judeus, as diferenças nacionais desapareceriam na luta de classes. Seus antecedentes eram os judeus que em meados do século XIX questionavam os valores tradicionais, interessando-se pelas ideias constitucionais de Ocidente e simpatizando com o movimento “dezembrista”, no qual havia ideias socialistas com forte cor jacobina. Foram judeus alguns dos introdutores do marxismo na Rússia, como Pavel Axelrod. Martov, líder dos mencheviques, provinha do Bund, influenciou sobre Lênin e combateu o Bund, criticando-o por nacionalista. A esquerda sionista se desenvolveu na virada do século, propugnando a migração para a Palestina, com grupos como Hashomer Hatzair, constituído por jovens de classe média “semi-assimilados”, destacando-se os nomes de Meir Yaari e David Horovitz. Em 1906, de acordo com a resolução do IV Congresso (de unificação) do partido, o Bund voltou a fazer parte do POSDR. A ambiguidade do Bund foi seu drama: defendia que os trabalhadores judeus pertenciam à terra onde haviam nascido e vivido, mas exigia “autonomia nacional e cultural” para os judeus, uma “autonomia” em que o iídiche seria o idioma nacional. Baseavam-se nas teorias do austro-marxista Otto Bauer a respeito da “autonomia cultural”, mas o próprio Bauer, na sua principal obra (*A Questão Nacional e a Socialdemocracia*) negava todo caráter nacional ao judaísmo. O Bund combateu o “territorialismo” (a reivindicação de um “Estado Judeu”, com território próprio), o que o enfrentou ao sionismo, considerando-o um movimento utópico liderado por forças reacionárias.

como várias outras, pela infiltração policial, fato que marcou decisivamente a vida do futuro dirigente revolucionário, um adolescente no momento em que seu irmão foi vítima da sangrenta repressão czarista, vítima fatal por causa de um atentado que sequer chegara a ser realizado. Lênin, já a partir de 1893 levava uma batalha em dois fronts: contra o “marxismo legal” (Piotr Struve e o já mencionado Tugan-Baranovski, destacadamente) e, sobretudo, contra os teóricos populistas, partidários de uma variante local da teoria do subconsumo, que justificava uma via diversa para a revolução na Rússia, dado que o capitalismo não teria possibilidades de se desenvolver no país por ausência de mercados de consumo: a velha comuna rural seria, para eles, a base da revolução russa, que daria origem a uma espécie de socialismo agrário.

Em 1895, Lênin foi preso pela polícia czarista e passou um ano na prisão, onde deu forma final ao seu texto *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, que, com análises estatísticas e metodológicas extremamente detalhadas, resumiu e compendiou a polêmica do marxismo russo contra o populismo e o “marxismo liberal” (ou “legal”), aliado autodeclarado da fantasmagórica burguesia liberal russa, defendendo a perspectiva de organizar um partido operário e socialista para tornar independente a política do proletariado na futura e inevitável revolução democrática russa. Objetivamente, ele já deslocara Plekhánov da condição de teórico principal da revolução russa, em breve também o deslocaria como seu principal líder político.

Lênin criticou os populistas, que, no tocante ao mercado interno e ao desenvolvimento do capitalismo na Rússia, afirmavam que a mais-valia não podia realizar-se no país, dado que não existiam os pequenos produtores que constituiriam o mercado interno (nem existia o mercado externo), demonstrando que num país onde se desenvolve o capitalismo se produz uma diferenciação entre os pequenos agricultores, transformados, em parte, em empresários agrícolas ou, a maioria, em proletários assalariados: o capitalismo criava para si o mercado interno. O regime de posse de terras russo ainda tinha características feudais em primeiro plano — apesar do avanço lento, mas consistente, do capitalismo no campo russo desde meados do século anterior. Essa base feudal no campo — latifúndios feudais que obtinham rendimentos a partir da exploração de trabalho em moldes medievais — estava intimamente ligada à superestrutura po-

lítica czarista, igualmente permeada por elementos feudais ou “asiáticos” (LÊNIN, 1974). Varrer o czarismo era condição para o desenvolvimento das forças produtivas, não só para conquistar liberdade política.

Em *A propósito da chamada questão dos mercados*, Lênin afirmava:

O crescimento da produção capitalista e, conseqüentemente, do mercado interno não se faz tanto por conta dos bens de consumo que por conta dos meios de produção... O capital constante existente nos bens de consumo é trocado pelo capital variável e a mais-valia contida nos meios de produção. Mas de acordo com a lei geral da acumulação capitalista, o capital constante cresce mais rapidamente que o capital variável... O setor da produção social que fabrica meios de produção deve então crescer mais rapidamente do que aquele que fabrica bens de consumo. Assim, o crescimento do mercado interno do capital é, até certo ponto, independente da expansão do consumo individual, e mais dependente do consumo produtivo. Mas seria errado interpretar isso no sentido de uma completa separação de consumo produtivo e individual: o primeiro pode e deve aumentar mais rápido que o segundo (é só nisso que consiste sua ‘independência’) mas, em última instância, o consumo produtivo vincula-se ao consumo individual.

A produção agrária em bases feudais, na Rússia, seria inexoravelmente substituída por uma produção em moldes capitalistas. Tal processo dava seus passos decisivos no campo, mas o desenvolvimento poderia se realizar por duas vias: “reformista” ou “revolucionária”. O desenvolvimento burguês podia verificar-se tendo à frente as grandes propriedades dos latifundiários, que paulatinamente se tornariam cada vez mais capitalistas e substituiriam os métodos feudais de exploração pelos métodos burgueses; e, também, pode verificar-se tendo à frente as pequenas explorações camponesas, que, por via revolucionária, extirpariam do organismo social a existência dos latifúndios feudais e, sem eles, se desenvolveriam livremente pelo caminho da agricultura capitalista dos granjeiros.

A primeira via era inspirada pelo desenvolvimento “prussiano” do capitalismo, no qual os latifúndios feudais alemães se metamorfosearam lentamente em capitalistas, enquanto se produzia a expropriação camponesa com apoio estatal. A segunda via era inspirada no desenvolvimento norte-americano do capitalismo, no qual os grandes latifúndios do Sul foram expropriados pelo Estado durante a guerra civil de 1861-1865,

prevalecendo assim o camponês lentamente metamorfoseado em granjeiro capitalista. A Rússia naquele momento ainda estava diante das duas possibilidades. Lênin pretendia combater os programas agrários reformistas de diversas forças políticas russas, que, ainda que não defendessem abertamente os grandes interesses latifundiários, propunham soluções como a partilha de terras, o controle das terras por instituições comunais da velha Rússia agrária, ou a municipalização. Qualquer uma dessas propostas seria incompleta, reformista, antirrevolucionária. A primeira somente cristalizaria relações de dependência feudais.² A segunda congelaria formas sociais e instituições de velha Rússia. A terceira depositaria a não resolução do problema agrário russo em suas instituições locais e não colocaria em questão a tomada do poder.

Lênin argumentou que a Rússia caminhava de conjunto para o capitalismo:

Com respeito à lentidão ou a rapidez do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, tudo depende com que comparamos este desenvolvimento. Se comparamos com a época pré-capitalista deveremos reconhecer que o desenvolvimento da economia nacional é extraordinariamente rápido com o capitalismo. Se, em troca, comparamos a rapidez do desenvolvimento com o que entendemos ser o nível moderno da técnica e da cultura em geral, devemos admitir que o desenvolvimento do capitalismo na Rússia é, com efeito lento. E não poderia ser de outro modo, pois em nenhum país capitalista sobreviveram com tanta abundância instituições do passado, incompatíveis com o capitalismo, e que freiam o seu desenvolvimento e dificultam a situação dos produtores, os quais sofrem do capitalismo e do insuficiente desenvolvimento do capitalismo. (LÊNIN, 1974).

A proposta de basear a futura sociedade socialista em torno da comuna aldeã e no trabalho artesanal dos *kustari* era, por isso, puro pasadismo, um ranço de romantismo conservador no seio do movimento revolucionário. Ainda assim, em *O Programa Agrário da Socialdemocracia*, Lênin afirmava:

² “O que é nossa “grande” reforma camponesa, o arrebatamento da terra dos camponeses, o estabelecimento dos camponeses em terras mediócras, a implantação do novo regime agrário mediante a força militar, os fuzilamentos e castigos corporais? É a violência exercida pela primeira vez em massa contra os camponeses, em favor do capitalismo nascente na agricultura. É a ‘limpeza das terras’ pelos latifundiários para o capitalismo”, afirmava Lênin, em *Dois Táticas da Socialdemocracia na Revolução Democrática*.

O erro de certos marxistas consiste em que, ao criticar a teoria dos populistas, perdem de vista seu conteúdo historicamente real e historicamente legítimo na luta contra o feudalismo. Criticam, e com razão, o ‘princípio do trabalho’ e o ‘igualitarismo’ como socialismo atrasado, reacionário, pequeno-burguês e esquecem-se de que essas teorias exprimem o democratismo pequeno-burguês avançado, revolucionário, e de que essas teorias servem de bandeira à mais decidida das lutas contra a velha Rússia, a Rússia feudal. A ideia de igualdade é a ideia mais revolucionária na luta contra a velha ordem de coisas do absolutismo em geral e contra o velho regime feudal e latifundiário de posse da terra em particular. A ideia de igualdade é legítima e progressista no pequeno-burguês camponês, porque expressa a aspiração à repartição.

O avanço do capitalismo não só era irreversível como apresentava um fenômeno transcendental: formava a classe operária na Rússia. Existiam já no país quase quatro mil fábricas e meio milhão de trabalhadores industriais em finais do século XIX, com a característica de estarem agregados em torno de Moscou, na província de Vladmir e em São Petersburgo. A industrialização ocorreu basicamente em duas cidades, São Petersburgo e Moscou, que se encontravam na parte ocidental do Império. Com a rápida modernização (urbanização e industrialização) implantada na segunda metade do século XIX e com a abolição da servidão aconteceu uma migração para as cidades, camponeses foram trabalhar como operários nas indústrias, outros continuaram sendo explorados no campo. Com a recuperação econômica mundial da última década do século e o incremento dos investimentos externos, a indústria russa e o proletariado cresceram a passos cada vez mais largos. O proletário russo era, ainda assim, um “anfíbio econômico”, pois não perdera seus laços com a vida rural, à qual voltava nos períodos de desemprego, ou da qual não se afastava quando desempenhava tarefas industriais de caráter sazonal (temporárias) (ANWEILER, 1977).

O Congresso de 1903 dividiu-se politicamente, o que fez surgir o *bolchevismo* (“maioria”). Depois que sete delegados abandonaram o Congresso, ficaram 44 delegados com direito a voto: Lênin passou a constituir uma maioria de 24 contra 20, contra a inicial maioria (27x24) de seus adversários, conseguindo a admissão de sua própria lista de candidatos ao Comitê Central. Houvera uma divergência entre Lênin e Martov no Congresso, a respeito do primeiro artigo do estatuto partidário. Martov

(líder dos *mencheviques*, ou “minoria”) propunha: “É membro do POSDR quem aceita o seu programa e sustenta o partido, materialmente ou mediante uma cooperação regular desenvolvida sob a direção de um de seus organismos”. Ao que Lênin respondeu propondo: “É membro do partido quem aceita seu programa e sustenta o partido, materialmente ou através da sua *participação pessoal* na atividade de um de seus organismos”.

Dois correntes, duas concepções de partido, vinculadas a duas concepções da revolução, se manifestavam:

O caráter burguês da revolução não deixava, porém, prever que classes deveriam realizar as tarefas da revolução democrática e que forma tomariam então, as relações entre as classes. Era esse, no entanto, o ponto de partida de todos os problemas estratégicos fundamentais. Plekhánov, Axelrod, Zassulitch, Martov e, com eles, todos os mencheviques russos, partiam do ponto de vista de que o papel dirigente numa revolução burguesa só podia pertencer à burguesia liberal, na qualidade de pretendente natural do poder. Segundo esse esquema, cabia ao partido do proletariado o papel de ala esquerda da frente democrática: a socialdemocracia devia sustentar a burguesia liberal na luta contra a reação, mas defender, ao mesmo tempo, os interesses do proletariado contra a burguesia liberal. Em outras palavras, os mencheviques consideravam a revolução burguesa, sobretudo, como uma reforma liberal e constitucional.

Do outro lado:

Lênin formulava o problema de modo inteiramente diverso. A libertação das forças produtivas da sociedade burguesa do jugo da servidão significava antes de tudo, para ele, a solução radical do problema agrário, no sentido de uma liquidação definitiva da classe dos grandes proprietários fundiários e de uma transformação revolucionária no domínio da propriedade fundiária. Tudo isso estava indissolúvelmente ligado à abolição da monarquia. Lênin colocara o problema agrário, que tocava nos interesses vitais da enorme maioria da população e que constituía, ao mesmo tempo, a base do problema do mercado capitalista, com uma audácia verdadeiramente revolucionária. Uma vez que a burguesia liberal, que se opunha aos operários, estava ligada à grande propriedade fundiária por laços numerosos, a libertação verdadeiramente democrática da classe camponesa só podia realizar-se pela cooperação revolucionária dos operários e camponeses. Em caso de vitória, essa revolta comum contra o antigo regime devia acarretar, segundo

Lênin, a instauração da “ditadura democrática do proletariado e dos camponeses”. (TROTSKY, 1979).

Em decorrência, Lênin propunha uma organização política de revolucionários profissionais, conspirativa e centralizada, que fosse ao mesmo tempo uma organização operária, com ampla margem para o debate interno (mas com plena unidade de ação). Se o primeiro aspecto foi enfatizado, foi por entrar em choque com os partidários de um partido “laxo”, que os bolcheviques não consideravam adaptado às condições russas. Para Lênin, o revolucionário

não deve ter por ideal o secretário do sindicato, mas o tribuno popular, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democráticas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado.

No texto citado acima, *Que Fazer?* (1902), cujo título “expropriava” o título de um romance social do democrata revolucionário Tchernichevski, Lênin afirmava que

o desenvolvimento espontâneo do movimento operário marcha precisamente para sua subordinação à ideologia burguesa. Porque o movimento operário espontâneo é trade-unionista (sindicalista). Tudo o que inclinar-se perante a espontaneidade do movimento operário, tudo o que seja diminuir o papel do ‘elemento consciente’, o papel da socialdemocracia, significa - independentemente da vontade de quem o faz - fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários.

Mas, ao mesmo tempo, definia que “o elemento espontâneo não mais do que a forma embrionária do consciente. E os motins primitivos refletiam já certo despertar consciente”: “A classe operária tende espontaneamente para o socialismo, mas a ideologia burguesa, a mais difundida (e constantemente ressuscitada sob as formas mais diversas) é contudo aquela que mais se impõe espontaneamente aos operários”.

Em 1904, Rosa Luxemburgo criticou o “ultra centralismo” leninista em *Questões de Organização da Socialdemocracia Russa*, afirmando:

Não é partindo da disciplina nele inculcada pelo Estado capitalista, com a mera transferência da batuta da mão da burguesia para a de um comitê central socialdemocrata, mas pela quebra, pela extinção desse espírito de disciplina servil, que o proletariado pode ser educado para a nova disciplina, a autodisciplina voluntária da socialdemocracia.

Acrescentando que

o ultra centralismo preconizado por Lênin parece-nos, em toda a sua essência, ser portador, não de um espírito positivo e criador, mas do espírito estéril do guarda noturno. Sua preocupação consiste, sobretudo, em controlar a atividade partidária e não em fecundá-la, em restringir o movimento e não em desenvolvê-lo, em importuná-lo e não em unificá-lo.

Lênin³ respondeu às críticas de Rosa polidamente, afirmando que “o que o artigo de Rosa Luxemburgo, publicado em *Die Neue Zeit*, dá a conhecer ao leitor, não é meu livro, mas outra coisa distinta”, e dizendo que “o que defendo ao longo de todo o livro, desde a primeira página até a última, são os princípios elementares de qualquer organização de partido que se possa imaginar; (não) um sistema de organização contra qualquer outro” (LÊNIN; LUXEMBURGO, 1980).

Em 1904, o jovem agitador do POSDR, Leon Trotsky, que participou do congresso partidário em nome da organização siberiana (por sua agitação política em Odessa tinha sido preso e confinado à Sibéria, de onde fugira para o exterior da Rússia) publicou um trabalho (*Nossas Tarefas Políticas*), no qual acusava Lênin de propor “a ditadura do partido sobre a classe operária” (e do Comitê Central sobre o próprio partido). Trotsky havia rompido com Lênin, por esse motivo, no Congresso de 1903. Alguns historiadores viram em *Nossas Tarefas Políticas* uma antecipação profética

³ Em artigo enviado a Kautsky para ser publicado no *Die Neue Zeit*, órgão da socialdemocracia alemã, sendo recusado, e só dado a conhecer em 1930. Depois da revolução de 1917, Lênin ironizou seus críticos: “Afirmar que a Iskra (de 1901 e 1902!) exagerou na ideia de uma organização de revolucionários profissionais é como dizer, depois da guerra russo-japonesa, que os japoneses se faziam uma ideia exagerada das forças militares russas, e que se preocuparam demais, antes da guerra, em lutar contra essas forças”.

sobre o destino do bolchevismo e da própria revolução russa,⁴ o que foi negado por Trotsky, embora nunca abjurasse explicitamente desse texto (e chegasse até a resgatá-lo parcialmente).

Lênin havia sustentado que, historicamente, a intelectualidade revolucionária desempenhava um papel especial no movimento revolucionário, dotando-o da perspectiva marxista que os operários não haviam alcançado, nem poderiam alcançar por si mesmos. Trotsky via nessa opinião uma negação das capacidades revolucionárias da classe operária e uma aspiração da intelectualidade, cujo porta-voz era Lênin, a manter o movimento operário sob a sua tutela. Na mesma época, o socialista polonês Makhaiivski sustentava opinião semelhante sobre o “socialismo russo” (MAKHAIIVSKI, 1978). À acusação de Trotsky de praticar um “jacobinismo”, Lênin respondeu: “O jacobino ligado indissolúvelmente à organização do proletariado que tem consciência dos seus interesses de classe, é justamente o socialdemocrata revolucionário”. Na concepção de Rosa Luxemburgo, ao contrário, “a socialdemocracia não está ligada à organização da classe operária: ela é o próprio movimento da classe operária”.⁵

Depois da ruptura de 1903 entre ambos, Lênin afirmou que

Trotsky esqueceu que o partido deve ser apenas um destacamento da vanguarda, o dirigente da imensa massa da classe operária, que no seu conjunto (ou quase) trabalha “sob o controle e sob a direção” das organizações do Partido, mas que não entra inteiramente, e nem deve, no “Partido”.

A respeito do controverso *Que Fazer?*, escrevendo posteriormente, Lênin criticou os exegetas desse texto, que “separam completamente esse trabalho de seu contexto em uma situação histórica definida - um

⁴ Para Isaac Deutscher, que criticou os ataques pessoais contidos no trabalho, este era também “assombroso” por conter “grandes ideias” e “sutil perspicácia histórica”. Para E. H. Carr, “o processo (futuro) foi previsto muito detalhadamente por Trotsky (de todos os revolucionários nenhum era mais ditatorial do que ele, por temperamento e ambição), que em um brilhante panfleto publicado em 1904 anunciou uma situação em que ‘o partido é substituído pela organização do partido, a organização pelo comitê central e finalmente o comitê central pelo ditador”. Pierre Broué criticou o “pedantismo” de *Nossas Tarefas*, suas invectivas contra “Maximilien Lênin”, e afirmou que Trotsky considerou, mais tarde, o trabalho como “um documento terrivelmente molesto acerca do qual observou a maior discrição”.

⁵ LUXEMBURGO, Rosa. op. cit., p. 18. Sobre o “jacobinismo” leninista, cf. JOUBERT, Jean P. *Lénine et le jacobinisme. Cahiers Leon Trotsky*, Saint Martin d’Hères, n. 30, jun. 1987.

período definido e há muito tempo ultrapassado pelo desenvolvimento do partido”, precisando que

nenhuma outra organização senão aquela liderada pela Iskra podia, nas circunstâncias históricas da Rússia de 1900-1905, ter criado um partido operário socialdemocrata tal como aquele que foi criado... *Que Fazer?* é um resumo da tática e da política de organização do grupo da Iskra em 1901 e 1902. Nada mais que um resumo, nada mais e nada menos.

Depois do II Congresso do POSDR, os postos dirigentes da *Iskra* logo retornaram a homens que eram adversários ideológicos de Lênin, novamente posto em minoria. Lênin preparou então a fundação de seu próprio periódico, *Vperiod* (Avante), lançado no final de 1904. Logo depois, os bolcheviques constituíram a sua própria fração e convocaram o seu próprio Congresso, ao que chamaram de III Congresso do POSDR, realizado em 1905. Lênin percorria, com métodos que suscitavam forte polêmica e muitas críticas (de Trotsky, na Rússia, e de Rosa Luxemburgo, no exterior, por exemplo) o caminho que o levaria a ser, segundo Eric Hobsbawm, “o homem com o maior impacto individual na história do século XX”. Pela estratégia proposta por Lênin, o partido deveria promover uma revolução de operários e camponeses, e esta, ao realizar uma revolução burguesa, ainda que preparando o terreno para a revolução socialista, não poderia escapar, pelo menos por algum tempo, ao destino da revolução exclusivamente burguesa.

Trotsky, pelo contrário, entendia que o proletariado não poderia deixar de buscar o apoio dos camponeses, mas não poderia ficar só nisso: ao completar a revolução burguesa, o proletariado seria inevitavelmente induzido a realizar a sua própria revolução, sem solução de continuidade. Lênin mudou, não uma, mas várias vezes a sua concepção acerca da natureza da revolução russa, mas nunca a ideia de que seu protagonista central seria o proletariado industrial, elaborada já na década de 1890 e reafirmada diversas vezes depois:

A classe operária é o inimigo coerente e declarado do absolutismo, e só entre a classe operária e o absolutismo não é possível qualquer compromisso. A hostilidade de todas as outras classes, grupos e estratos da população em relação à autocracia não é absoluta: sua democracia está sempre olhando para trás.

Ou ainda,

o operário russo é o único e natural representante de toda a população trabalhadora e explorada da Rússia. É seu representante natural porque, por sua própria natureza, a exploração dos trabalhadores na Rússia é em toda parte capitalista se deixarmos de lado os restos, agora quase extintos, da economia servil.

Os objetivos que Lênin propunha para a revolução burguesa eram: a república democrática, a assembleia constituinte e o governo revolucionário provisório, num regime da ditadura democrática dos operários e camponeses. O meio para realizar tais objetivos seria a insurreição popular armada. Trotsky, por sua vez, era adversário da fórmula leninista de “ditadura democrática dos operários e camponeses”, que não explicitava a clara hegemonia operária no regime revolucionário. As peculiaridades históricas da sociedade russa estavam refletidas e ao mesmo tempo distorcidas e tornadas absolutas, unilateralmente, nas ilusões messiânicas eslavófilas desenvolvidas pelos *narodniks*. O marxismo de Plekhánov rejeitou o particularismo *narodniki* tornando absoluta a via histórica seguida pelo capitalismo ocidental, e identificando-o mecanicamente como o caminho a ser seguido pela Rússia. Aderindo a essa concepção os mencheviques viram a revolução russa como mera repetição das revoluções burguesas da Europa Ocidental, concebidas unicamente sob a liderança da burguesia liberal e levando ao estabelecimento de seu próprio poder.

A perspectiva de Lenin da “ditadura democrática do proletariado e do campesinato” era uma negação do marxismo ossificado de Plekhánov. Lênin enfatizou que a atrasada burguesia russa era incapaz de liderar sua própria revolução até o fim. O papel de sujeito da revolução seria transferido para o proletariado e para o campesinato. A ditadura democrático-burguesa exercida por essas duas forças “tirárá o país do medievalismo”, desenvolveria rapidamente o capitalismo russo, fortaleceria as posições do proletariado e abriria enormes possibilidades para a luta pelo socialismo. Seria um poderoso impulso para a revolução socialista no Ocidente, o que evitaria uma restauração contrarrevolucionária e permitiria ao proletariado russo chegar ao poder num curto intervalo histórico.

A perspectiva da *revolução permanente*, desenvolvida por Trotsky em 1905, estava de acordo com a concepção de Lênin no que tange à rejeição da perspectiva menchevique-liberal, mas se opunha resolutamente a ela quanto ao caráter social e às tarefas da ditadura originada na revolução.⁶ Segundo Trotsky não havia dois sujeitos revolucionários politicamente independentes - o proletariado e o campesinato - com o segundo impondo limites à atividade revolucionária autônoma do primeiro. A vitória da revolução democrática na Rússia só era concebível na forma de uma ditadura do proletariado, apoiada pelo campesinato. Uma vez no poder, o proletariado não poderia limitar-se às tarefas democráticas; pela lógica de sua posição social, seria obrigado a introduzir medidas socialistas, impulsionando a revolução socialista mundial, cuja vitória era a única garantia da implantação do socialismo. A teoria de Trotsky negava tanto o particularismo dos *narodiks* quanto o universalismo formal do marxismo de Plekhánov.

O potencial revolucionário do campesinato, explicava Trotsky, sempre recebera sua canalização através de outra classe, urbana. Assim sucedera nas grandes revoluções europeias, quando o campesinato emprestou o seu potencial de luta revolucionária à burguesia e assim sucederia na Rússia onde, no entanto, a classe que serviria aos interesses democráticos dos camponeses não era a burguesia. Era na medida em que o campesinato não se apresentava apto a centralizar as suas próprias forças revolucionárias, que o proletariado aparecia-lhe como a classe libertadora: “Pela primeira vez na história universal, o camponês encontraria o seu guia na pessoa do operário.

⁶ A “teoria da revolução permanente” (que explica a extensão do processo revolucionário em escala mundial, a transição ininterrupta da revolução democrática para a socialista e a realização das tarefas democrático-burguesas pelo proletariado no poder) deriva da lei do desenvolvimento combinado, que constitui o fundamento da teoria da revolução permanente. Mas o desenvolvimento desigual e combinado e a teoria da revolução permanente não são um só conceito. Uma crítica à lei deveria tentar provar a falsidade do “salto histórico”. Uma crítica da teoria da revolução permanente deveria atacar não apenas a conclusão (que a revolução proletária pode ocorrer em primeiro lugar em um país atrasado), mas também a ideia de que a revolução de um país atrasado se viabiliza pela expansão da revolução para os países avançados. Jon Elster chegou a atribuir a Trotsky um conceito que expressa o oposto do seu pensamento: seu conceito central seria “aquilo que Thorstein Veblen chamou de as vantagens do atraso, com a ideia concomitante do castigo por tomar a dianteira” (ELSTER, Jon. *Making Sense of Marx*. Cambridge: Harvard University Press, 1985). A noção de “vantagem do atraso” ocupa um lugar central na elaboração de Trotsky. Mas jamais deixou transparecer qualquer coisa parecida com um suposto “castigo por tomar a dianteira”. O ponto central do pensamento de Trotsky era a ideia de que a revolução proletária ocorreria provavelmente em primeiro lugar na Rússia atrasada. Mas os países europeus avançados deveriam, em seguida, entrar no caminho revolucionário influenciados pelos acontecimentos na Rússia. A revolução russa dependeria para sua consolidação da revolução nos países avançados. A condição de atraso da Rússia proporcionava uma vantagem momentânea, que pouco significava em termos de realização do socialismo sem a revolução dos países capitalistas desenvolvidos que, longe de serem castigados pelo seu avanço, possuíam uma vantagem histórica sobre os atrasados para o sucesso da revolução socialista.

Isso é essencialmente e, podemos dizer, integralmente, o que distingue a Revolução Russa de todas aquelas que a precederam” (TROTSKY, 1950, p. 88).

Na medida em que o campesinato encontrasse sua direção política no operariado, a democracia não poderia ser instaurada senão por meio da *ditadura do proletariado*. Este prognóstico determinou a singularidade de Trotsky no cenário do marxismo russo:

Plekhanov, o brilhante fundador do marxismo russo, considerava como louca a ideia da possibilidade de uma ditadura proletária na Rússia contemporânea. Este ponto de vista era compartilhado não somente pelos mencheviques, mas também pela esmagadora maioria dos dirigentes bolcheviques. (TROTSKY, 1979).

Seu mais celebre biógrafo, o historiador polonês Isaac Deutscher, chamou Trotsky de “profeta da revolução”, usando um termo com uma (pouco apropriada) ressonância religiosa (DEUTSCHER, 1976).

Em síntese, uma nação atrasada, como a Rússia, estava obrigada a incorporar as conquistas técnicas das nações avançadas para poder se manter como força autônoma, e não ser incorporada sob a forma de colônia de uma potência vizinha, da Europa avançada. Da mesma maneira, mesmo que sobre bases distintas, as colônias também passariam por um processo de incorporação da técnica avançada de seus dominadores. A técnica incorporada, por sua vez, exigiria a criação de relações de produção que lhe correspondessem, o que significava a instauração brusca, acelerada, de formas de organização social condizentes. O processo todo ocorreria por meio de “saltos históricos”,⁷ eliminando-se as etapas que caracterizam a evolução

⁷ O que coloca a questão de esses “saltos” serem possíveis. Maximilien Rubel (*Marx, Critique du Marxisme*. Paris: Payot, 1974) atribuiu as “modificações realizadas por Trotsky à teoria marxista” ao fato dos escritos de Marx serem marcados por “uma curiosidade intelectual livre de toda finalidade política, (onde) suas hesitações e interrogações permitem a crítica fácil tanto quanto interpretações abusivas”. Michael Löwy (Revolução permanente e revolução burguesa em Marx e Engels. *Discurso*, São Paulo, n. 9, nov. 1978), ao contrário, assinalou no pensamento de Marx e Engels - “livre de quaisquer preconceções” - tanto “elementos, ideias e hipóteses que preparavam o terreno para a teoria da revolução permanente (tal como Trotsky a formulou)”, quanto “uma perspectiva ‘etapista’, onde se pressupõe uma ordem rígida de sucessão de etapas históricas”. Porém, mesmo a fundamentação socio-econômica “rígida”, apresentada por Marx e Engels, recebeu em Trotsky uma interpretação diferente daquela que era o comum em sua época. A fundamentação socio-econômica, escreveu Löwy, “situa-se no plano exclusivo das forças produtivas e faz do esgotamento das possibilidades de desenvolvimento do capitalismo uma condição indispensável para colocar na ordem do dia sua abolição”. Ela se expressaria na frase de Marx: “nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém”. Trotsky interpretava essa afirmação como relacionada aos grandes sistemas produtivos em escala histórico-mundial (feudalismo, capitalismo...) e de forma alguma uma referência a nações isoladas. Vista desse

dos países pioneiros no processo histórico capitalista. Mas a nova estrutura sócio-econômica apresentada pela nação atrasada não reproduziria simplesmente uma etapa histórica precedente do país avançado.

A técnica, as relações de produção e as formações sociais capitalistas incorporadas, em sua forma acabada, sobre uma base arcaica semi-feudal, como no caso da Rússia, criavam um quadro completamente novo que não podia ser comparado ao de uma nação capitalista “antiga”. Trotsky ressaltou, portanto, o caráter particular e diferenciado do desenvolvimento das nações, mesmo que governadas pelo processo comum e universalizante do capitalismo, e extraiu desses pressupostos teóricos as tarefas imediatas e estratégicas da revolução na Rússia. Os teóricos democrático-burgueses (Pável Miliukov, o principal dentre eles), os mencheviques (Martov, Plekhánov, em especial), os bolcheviques (Lênin, Bukhárin) representavam outras variantes, extremamente diferenciadas. Os debates sobre a estratégia revolucionária na socialdemocracia russa não tiveram paralelo nem equivalente, em qualidade, virulência e profundidade, no restante do socialismo internacional, nos primeiros anos do século XX. Afirmar que “para a Rússia, à beira da modernidade burguesa, o socialismo era um substituto mais ou menos adequado dos elementos constitutivos religiosos do modo de produção capitalista na Europa ocidental, desde a Reforma” (KURZ, 1992, p. 23),⁸ é fazer tabula rasa da história real, substituindo-a por uma construção ideológica *ex post facto*.

ângulo, a teoria da revolução permanente poderia ser considerada, segundo Denise Avenas (*Teoria e política no pensamento de Trotsky*. Lisboa: Delfos, 1973), como “a expressão de uma nova compreensão da teoria das etapas, entendida como o processo histórico geral da humanidade”. A etapa democrático-burguesa já se realizara a nível mundial, fazendo necessário que se abrisse, a partir da Rússia, uma nova via revolucionária. Por outro lado, o atraso é uma noção que exige parâmetros. E se a Rússia estava atrasada em relação à Europa ocidental, a Europa como um todo, Rússia incluída, estava historicamente mais avançada do que as demais regiões do globo, o que significa que a revolução partiria da porção capitalista mundial mais avançada. O grau do desenvolvimento combinado e a possibilidade de salto histórico estão determinados tanto pela persistência dos elementos do atraso quanto pelo grau de introdução dos elementos do avanço. Löwy encontra de fato “a ideia de que o proletariado poderia tomar o poder e suprimir o capitalismo (ao longo de um processo revolucionário ininterrupto) mesmo nos países periféricos, atrasados e semi-feudais da Europa”, em vários textos de Marx e Engels, incluído o *Manifesto Comunista* (na referência deste à possível revolução proletária na Alemanha).

⁸ KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 23. Segundo Immanuel Wallerstein: “O movimento socialista mundial, na verdade todas as formas de movimento anti-sistema, assim como todos os Estados revolucionários e/ou socialistas, são eles próprios produtos integrais do capitalismo histórico. Não são estruturas externas ao sistema histórico, mas a excreção de processos internos ao sistema. Por isso, têm refletido todas as contradições e todas as limitações do sistema. Não podiam nem podem agir de outra maneira. Suas falhas, suas limitações, seus efeitos negativos fazem parte do balanço do capitalismo histórico, e não um hipotético sistema histórico, o de uma ordem socialista mundial, que ainda nem existe” (*O capitalismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1995). Para estes autores, o “socialismo russo” foi só o invólucro ideológico de uma revolução que, pelas suas tarefas objetivas num país atrasado, só poderia ter um caráter capitalista tardio, fortemente estatal.

No Congresso de Londres do POSDR de 1905, Lênin, ainda exilado, empreendeu a batalha pelo recrutamento para o partido de operários que não eram - nem podiam ser - “revolucionários profissionais”, mas apenas militantes operários revolucionários, e para que eles, nas novas condições revolucionárias, ocupassem postos dirigentes no partido. Os *komitetchiki*, dirigentes clandestinos do partido na Rússia, se opunham explicitamente a isso. Krupskáia, esposa de Lênin, relatou em suas memórias a batalha entre Lênin e Rykov, porta-voz dos “clandestinos”: “O *komitetchiki* era um homem cheio de segurança... não admitia nenhuma democracia no interior do partido... não gostava de inovações”. Lênin mal conseguiu se conter ouvindo dizer que não havia operários capazes de formar parte dos comitês: propôs incluir obrigatoriamente nos comitês uma maioria de operários (a proposição de Lênin foi derrotada no Congresso). Manifestava-se o “espírito de seita” que deixou os bolcheviques longe dos primeiros *soviets*, na revolução de 1905, nos quais muitos deles recebiam uma organização adversária.

Como surgiram os soviets (termo russo para “conselho operário”)? Dada a amplitude da luta e a substituição das greves econômicas pelas políticas, surgiu a necessidade de se criar uma organização operária própria e independente, capaz de centralizar e dar voz a todas as reivindicações populares: a ideia de se criar conselhos operários como forma, inicialmente, de coordenar as várias greves, nasceu durante as reuniões de trabalhadores, inicialmente no centro têxtil de Ekaterinoslav. Pouco tempo depois nasceu o soviete de São Petersburgo, cujo primeiro presidente foi Khrustalyov-Nossar (1877-1918), advogado liberal (ANWEILER, 1977). Durante a greve geral, o conselho passou a ser conhecido como o “Soviete de Representantes Operários”.

A sua reunião constituinte aconteceu no prédio do Instituto Tecnológico de São Petersburgo e contou com quarenta representantes. O soviete da cidade chegou a ter de 400 a 500 membros, eleitos por aproximadamente 200 mil trabalhadores, representando cinco sindicatos e 96 fábricas da região. Surgido no âmbito de uma nação atrasada, como uma organização revolucionária especial, com a capacidade de englobar as massas populares e de lhes tornar capazes de uma ação revolucionária sob a

direção dos operários, o soviete era o primeiro exemplo “prático” do *desenvolvimento político combinado*, capaz de saltar etapas históricas, da Rússia.

Entrementes, Leon Trotsky,⁹ formulador dessa ideia, voltara do exílio europeu, acompanhado de Helphand-Parvus, militante russo estabelecido na Alemanha, que comprou (suas habilidades financeiras eram lendárias, e o levaram a ser moralmente desqualificado anos mais tarde, no socialismo internacional, quando se dedicou ao comércio internacional de armas) um jornal falido, *Aurora*, que se transformou num veículo de massas das ideias e propostas revolucionárias, chegando a atingir a fantástica tiragem, para a época, de 500 mil exemplares diários. Através do jornal, seu principal redator, Leon Trotsky, ganhou, com seus muito lidos artigos e seus inspirados discursos no soviete de São Petersburgo, dimensões de dirigente revolucionário de massas (BROUÉ, 1994).

Quando Khrustalyov-Nossar foi preso pela polícia, Trotsky assumiu seu lugar na presidência do soviete de São Petersburgo, e rapidamente alterou a agenda política da organização, transformando-a num centro de organização e agitação política, do qual participavam também os partidos políticos revolucionários com representações designadas pelos próprios

⁹ Leon Trotsky (1879-1940) foi, desde os inícios da sua carreira política, uma figura polêmica. Nascido Lev Davidovich Bronstein em novembro de 1879 em Ianovka (sul da Ucrânia) em família judaica (não praticante) dedicada à agricultura, vinculou-se ao movimento revolucionário clandestino da Rússia czarista ainda muito jovem. Em 1898, Trotsky foi encarcerado e, no final do ano seguinte, condenado a quatro anos de exílio. No cárcere de Odessa aderiu ao marxismo, mas leu pela primeira vez Marx só no posterior exílio siberiano. Fugido da Sibéria, exilou-se em Londres, onde, a partir de finais de 1902, colaborou diretamente com o órgão da socialdemocracia, o *Iskra* (“faísca”). Apesar da sua proximidade com Lenin, afastou-se dele no II Congresso do POSDR (Partido Operário Socialdemocrata da Rússia), em 1903, quando ficou configurada a fração (futuro partido) bolchevique, encabeçada pelo próprio Lenin. Sua proximidade com a outra fração, a menchevique, encabeçada por Julius Martov, foi efêmera. Em 1905, voltou à Rússia, onde tomou parte ativa na revolução; foi o último presidente do soviete dos trabalhadores de São Petersburgo. Em 1906, foi deportado pela segunda vez para a Sibéria; escapou novamente e, entre 1907 e 1914, viveu com sua segunda esposa, Natalia Sedova, em Viena onde, de 1908 a 1912, editou o *Pravda*. Depois de desenvolver a teoria da revolução permanente, aproximou-se ideologicamente dos bolcheviques, aos quais se uniu em 1917, para ser, com Lênin, um dos principais dirigentes da Revolução de Outubro. Lendário responsável pela sua defesa militar, como organizador e chefe do Exército Vermelho, em 1923 passou a organizar a Oposição de Esquerda contra a nascente burocracia stalinista. Depois de dura batalha, foi expulso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), desterrado para o interior da URSS e finalmente expulso do país (1927-1929), que o privaria mais tarde da própria cidadania. No exterior continuou organizando os “bolchevique-leninistas” em fração da Internacional Comunista; em 1933 (depois da vitória sem batalha do nazismo na Alemanha) chamou a fundar a IV Internacional, declarando à Internacional Comunista “morta para a revolução” (a IV Internacional seria fundada em 1938, em congresso celebrado em Paris). Escreveu no exílio, e sob perseguição, suas principais obras (História da Revolução Russa, A Revolução Traída, A Revolução Permanente, A III Internacional depois de Lênin). Exilado em diversos países, encontrou finalmente (1936) temporário refúgio no México, onde foi assassinado por um agente stalinista infiltrado em seu entorno imediato, Ramón Mercader del Rio, a 21 de agosto de 1940.

partidos, além dos representantes dos trabalhadores e de outros grupos e camadas sociais: ainda assim,

mesmo quando do segundo congresso (dos soviets), a 28 de outubro, nenhum membro dessa assembleia sabia muito bem a sua função, se eles constituíam um comitê central de greve ou um novo tipo de organização, semelhante a um organismo de autoadministração revolucionária.

Foi só depois da revolução que Trotsky afirmou que

o conselho de deputados operários nasceu para a realização de um objetivo: no curso dos acontecimentos criar uma organização que representasse a autoridade, livre da tradição, uma organização que pudesse abarcar de uma vez por todas as massas disgregadas sem a imposição de demasiados obstáculos organizativos, uma organização que pudesse unir as correntes revolucionárias no interior do proletariado e controlar por si própria uma iniciativa de maneira capaz e automática e, o que é mais fundamental, uma organização à qual se pudesse dar vida em 24 horas. (YASSOUR, 1968).

Os soviets eram organismos eleitos pelos trabalhadores nos próprios locais de trabalho. Os delegados aos soviets eram em todo momento revogáveis pelos seus eleitores. Sindicalizados ou não, politicamente organizados ou desorganizados, os proletários de Petersburgo, Moscou, Kiev, Kharkov, Tula, Odessa e de outras aglomerações industriais do império criaram uma nova forma de organização de massa. Os soviets apareceram como o contrário das assembleias parlamentárias através das quais a burguesia exercia a sua dominação de classe. Em 1905, depois de algum vacilo e receio inicial em relação ao soviete, o bolchevismo ultrapassou seu caráter de organização basicamente composta por intelectuais, para passar a ser de fato um partido da vanguarda operária (que era a proposta e a intenção de Lênin), como o demonstrava a sua composição: quase 62% de operários (e 5% de camponeses).

O problema da atitude a ser adotada perante os soviets afetou não só os bolcheviques, mas todas as frações do POSDR na revolução:

Sem atender à cooperação de muitos operários bolcheviques nos conselhos, a posição de princípio dos órgãos dirigentes bolcheviques variava

entre uma rejeição radical e uma aceitação meio desgostosa desses ‘corpos alheios’ à revolução. A posição dos bolcheviques com respeito aos soviets da primeira revolução era diferente segundo os locais e estava sofrendo transformações; o próprio Lênin não chegou a um juízo definitivo sobre seu papel e importância, apesar de ter sido o único que, entre os bolcheviques, se esforçou para examinar a fundo esse novo fenômeno revolucionário e agregá-lo a sua teoria e tática revolucionárias. Durante a greve de outubro os operários bolcheviques participaram na formação do Conselho de Deputados Operários de Petersburgo, assim como os outros operários. O comitê do partido que, no início, diferenciando-se dos mencheviques, não havia chamado à eleição de deputados, enviou seus representantes ao comitê executivo do soviete.

E, paradoxalmente, o partido da futura revolução soviética se opôs inicialmente a essa nova criatura política:

Nos primeiros dias de existência do soviete, quando este atuava como comitê de greve e ninguém sabia realmente que papel ele desempenharia no futuro, os bolcheviques a ele se opunham de forma benévola. Isso mudou quando, ao terminar a greve de outubro, o soviete permaneceu em pé e começou a evoluir no sentido de um órgão de direção política da classe operária da capital. A partir daí a maior parte dos bolcheviques petersburgueses fixou abertamente a sua oposição ao soviete. Os bolcheviques conseguiram elaborar, nos comitês federativos formados por representantes de ambas as frações do POSDR uma resolução na qual se recomendava a aceitação oficial do programa da socialdemocracia, já que organizações independentes não poderiam guiar uma orientação política clara e, portanto, seriam perniciosas. (ANWEILER, 1977, p. 83).

Não se tratava (ainda) de uma teoria do “partido único da revolução”; a questão da relação entre o partido e os órgãos das massas em luta não estava clara para os socialdemocratas russos (para os numerosos anarquistas russos, por sua vez, a questão do partido, da direção política unificada da classe operária e das massas exploradas, sequer se colocava), e a experiência da socialdemocracia ocidental, centrada já exclusivamente na ação parlamentar e sindical, alheia à revolução, não os ajudava para esclarecer a questão. A própria teoria sobre a natureza da revolução russa, iniciada como revolução *política* e rapidamente desdobrada em revolução *social*, sofreu abalos devido à ação revolucionária do proletariado e ao nascimento

dos soviéticos. Durante a revolução, Lênin afirmou que “da revolução democrática começaremos logo a passar, na medida mesmo das nossas forças, das forças do proletariado consciente e organizado, à revolução socialista. Somos pela *revolução ininterrupta*. Não nos deteremos a meio caminho”. Embora a ideia de “revolução permanente” não fosse explicitamente mencionada, ela abriu, implicitamente, seu caminho *organizativo* no POSDR através do bolchevismo.

As concepções políticas de Lênin iam mudando ao calor dos acontecimentos: “Desde a sua obra escrita no exílio siberiano, Lênin tinha a tendência de ver capitalismo atrás de cada carreta russa. Mas a revolução de 1905 o levou a matizar suas ideias: o capitalismo estava ainda fracamente desenvolvido, as forças liberais eram embrionárias e tímidas” (LEWIN, 1996). A revolução burguesa carecia de bases econômicas e sociais próprias. Ainda assim, para Lênin a revolução seria

burguesa no sentido de seu conteúdo econômico-social. O que significa: as tarefas da revolução que está ocorrendo na Rússia não ultrapassam o âmbito da sociedade burguesa. Nem mesmo a mais plena vitória da atual revolução, isto é, a conquista da república mais democrática e a confiscação de toda a terra dos proprietários pelos camponeses, abalará os fundamentos da ordem social burguesa.

Mas disso “não derivava absolutamente a conclusão segundo a qual o motor principal ou guia da revolução será a burguesia” como queriam os mencheviques. Isto porque a revolução ocorria no momento em que “o proletariado já começou a tomar consciência de si como uma classe particular e a se unir numa organização de classe autônoma”. As divergências e as ásperas polêmicas com Trotsky, no entanto, se mantinham. As divergências com os mencheviques também se aprofundaram, as duas frações atuavam de fato como partidos independentes. Por outro lado, uma convergência de alcance internacional se desenhou desde o V Congresso de 1905 (de Londres) do POSDR:

O fato mais notável do congresso foi o isolamento dos mencheviques diante da convergência de posições de Lênin, Rosa Luxemburgo e Trotsky. Naturalmente, tratava-se de uma convergência objetiva, sem qualquer acordo, e não isenta de consideráveis discrepâncias, entre Lênin e os bolcheviques, por um lado, e Rosa e Trotsky, por outro. (STRADA, 1984, p. 164).

O trabalho do soviete na revolução consistiu basicamente na impulsão das greves e na organização da vida social e política nos bairros operários, incluído o fornecimento de suprimentos para os trabalhadores, chegando a praticamente substituir os órgãos administrativos da autocracia czarista em bairros e cidades inteiras; fez um apelo aos trabalhadores para que se recusassem a pagar impostos e que sacassem seu dinheiro dos bancos. A greve geral de outubro de 1905, no entanto, ocorreu espontaneamente, sem a decretação do soviete, que tentou sim organizá-la; sua tentativa de convocar uma nova greve geral em novembro falhou.

As atividades do soviete voltaram a cessar em 3 de dezembro, quando seus líderes, incluído Trotsky, foram presos acusados de preparar uma rebelião armada. Postos em julgamento público, a defesa realizada por Trotsky das atividades do soviete contra as acusações dos procuradores foram transcritas pelos jornais russos (e do exterior), transformando Trotsky numa celebridade revolucionária, cuja fama transcendeu, pela primeira vez, as fronteiras da Rússia. A revolução estava momentaneamente suspensa, mas já projetara uma liderança revolucionária de estatura nacional e potencialmente internacional.

Para conter os ânimos ainda aquecidos, inclusive dentro da burguesia, em inícios de 1906 o governo czarista resolveu atender (isto é, deturpar) uma das reivindicações que a revolução havia posto na ordem do dia: a criação de um parlamento, a *Duma*, que teve sua função muito limitada pela autocracia; esta manteve um regime totalmente centralizado e autoritário nas mãos do czar. O POSDR, ainda assim, participou diversas vezes das eleições parlamentares da *Duma* (outras vezes as boicotou) para usá-las como tribuna de agitação política, enquanto os principais líderes do partido e de suas diversas frações (Lenin, Martov, Plekhánov e Trotsky, fugido novamente da prisão) voltaram para o exílio.

Em pleno período de reação pós-1905, Trotsky precisou o alcance das divergências no interior do POSDR:

Se os mencheviques, partindo da seguinte concepção abstrata: ‘nossa revolução é burguesa’, chegam à ideia de adaptar toda a tática do proletariado à conduta da burguesia liberal até a conquista do poder pela mesma, os bolcheviques, partindo de uma concepção não menos

abstrata, 'a ditadura democrática, mas não socialista', chegam à ideia de uma autolimitação do proletariado, que detém o poder num regime de democracia burguesa. É verdade que entre mencheviques e bolcheviques há uma diferença essencial: enquanto os aspectos antirrevolucionários do menchevismo se manifestam desde o presente, aquilo que há de antirrevolucionário no bolchevismo não nos ameaça - mas a ameaça não é menos séria - senão no caso de uma vitória revolucionária.

Trotsky se aproximava, assim, do bolchevismo, mas mantinha também suas distâncias. Suas polêmicas com Lênin se tornaram ainda mais ásperas: elas atingiram seu cume em 1912, quando Trotsky propiciou a formação do "Bloco de Agosto" procurando reunir novamente todas as frações do POSDR, ou a maioria delas, provocando a violenta reação de Lênin e os bolcheviques, para os quais a cisão entre revolucionários e oportunistas já tinha sido consumada.

Durante a reação posterior à revolução de 1905, bolcheviques e mencheviques dividiram-se em três sub-frações de cada fração: os "liquidadores" (Potressov, Zassulich), o "centro" (Martov, Dan) e os "mencheviques de partido" (Plekhánov) entre os segundos; os "vperiodistas" (Bogdanov), os "leninistas", e os "conciliadores" ou "bolcheviques de partido" (Rykov, Nogin), entre os primeiros. Em 1906 Lênin declarou que até a revolução social, a socialdemocracia apresentaria inevitavelmente uma ala oportunista e uma ala revolucionária.

Lênin se reconciliou depois com Plekhánov, e formou um bloco no POSDR com os "mencheviques do partido" contra os "liquidadores", com o objetivo da manutenção de um partido dotado de aparato clandestino. É sobre essa base que se constituiu definitivamente a fração bolchevique (BROUÉ, 1971, p. 84). Lênin aceitou, no Congresso de reunificação (bolcheviques + mencheviques) de 1906, a redação menchevique do artigo 1º dos estatutos do partido. É, portanto, hagiográfica e deturpada a visão retrospectiva do bolchevique Zinoviev: "Em 1903 já tínhamos dois grupos claramente separados, duas organizações e dois partidos. Bolchevismo e menchevismo, como tendências ideológicas, já estavam formadas com o seu perfil característico, depois evidenciado na tormenta revolucionária" (ZINOVIEV, 1973, p. 96).

O desenvolvimento capitalista do campo russo se acelerou após 1906, quando se promulgou uma lei possibilitando que um pequeno número de camponeses, contra a vontade da maioria, estabelecesse, através da compra, lotes independentes nas terras comunais. A medida significou, por um lado, a ascensão da categoria superior dos camponeses ao status de fazendeiros capitalistas e, por outro, a proletarização de grandes massas camponesas. O efeito dessa medida, que, ao criar uma nova camada pequeno-burguesa, visava fortalecer a camada mais antiga de proprietários, fugiu em grande medida do esperado. Os novos proprietários, longe de servirem de apoio aos antigos, ganhando a adesão das massas camponesas que lhe estavam, ou deveriam estar, mais próximas, encontraram-se desde o início em estado de hostilidade declarada em relação àqueles. As massas camponesas proletarizadas, por sua vez, aumentaram consideravelmente a reserva revolucionária.

A burguesia fortaleceu-se economicamente, mas seu crescimento repousava sobre uma maior concentração da indústria e sobre a intensificação do papel do capital estrangeiro. Influenciada pelos acontecimentos de 1905, a burguesia tornou-se ainda mais conservadora e cautelosa. O peso social da pequena e média burguesia, que já era insignificante, diminuiu mais ainda. Os intelectuais democratas, por sua vez, não possuíam uma base social estável. Eles podiam exercer provisoriamente certa influência política, mas não chegavam a exercer um papel político independente. A questão agrária permanecia sem solução; a modernização do campo, impulsionada em dois momentos, 1861 e 1906, pesava tremendamente sobre as massas camponesas devido ao caráter desigual do processo, isto é, ao fato de a modernização prosseguir, lentamente, com a predominância do papel do dinheiro na economia rural, que impunha ao primitivo trabalho rural exigências que só poderiam ser respondidas por tratores.

A questão agrária se esboçava como o fator determinante do rumo que deveria tomar a futura etapa da revolução russa. Que a situação de atraso econômico do campo tivesse persistido após o nascimento da indústria significava, não que a revolução deveria consolidar a burguesia no poder para liquidar com os restos feudais na Rússia, mas que a revolução seria provavelmente proletária, porque apenas o proletariado estava em

condições de realizar a tarefa burguesa de varrer os restos feudais pertencentes a um período anterior ao da existência da própria burguesia.

Trotsky atribuiu à questão agrária a chave da revolução russa, enquanto produto de um desenvolvimento combinado, uma combinação original de elementos atrasados com os fatores modernos:

A aproximação e a penetração mútua de dois fatores de natureza histórica completamente diferentes: uma guerra camponesa, isto é, um movimento que caracteriza o auge do desenvolvimento burguês, e uma insurreição proletária, isto é, um movimento que assinala o declínio da sociedade burguesa. (TROTSKY, 1950, p. 88-89).

A revolução na Rússia deveria ser *proletária*, por seus métodos, ao mesmo tempo em que *burguesa*, por suas tarefas diretas e imediatas – fenômeno este que Trotsky descreveu como a *expressão mais extrema da lei do desenvolvimento combinado*: “Iniciando pela derrubada do edifício medieval podre, a revolução leva ao poder, em apenas alguns meses, ao proletariado”.

Para aqueles que só conseguiam entender o papel do proletariado russo através de analogias formais, a fusão de tarefas históricas diversas e opostas em uma única revolução era inaceitável. Para eles, apenas a burguesia poderia realizar o caráter burguês da revolução. A combinação é um dos fatores que explicavam a não repetição das revoluções na sociedade burguesa, revoluções que traziam novas etapas da sociedade burguesa e novos aspectos da consciência de suas classes, sentidos inclusive nas regiões mais remotamente tocadas pelo capital. O caminho percorrido pelo capital na Europa ocidental não guardava semelhança com o desenvolvimento das forças produtivas russas.

Não havia, portanto, analogia possível entre um país capitalista de primeira linha e as colônias, bem como com as nações que, sem serem colônias, receberam do capital externo sua influência determinante:

Quando o capital inglês ou francês, quintessência da obra histórica de séculos, é transportado para as estepes do Donetz, ele é absolutamente incapaz de manifestar as forças sociais, as paixões, os valores por ele absorvidos progressivamente. Sobre um território novo, ele não pode repetir o desenvolvimento que já cumpriu. Ele retoma a sua obra do

ponto onde a deixou em seu país. Em torno das máquinas que trouxe consigo pelos mares e aduanas, ele reúne rapidamente, sem etapas intermediárias, as massas proletárias, e injeta nessa classe a energia revolucionária que trazia congelada dentro de si, das velhas gerações burguesas [...] A condição de atraso que leva o proletariado russo ao poder coloca diante desse poder problemas que, por sua essência, não podem ser resolvidos dentro das fronteiras de um Estado isolado. O destino deste está assim inteiramente ligado à marcha ulterior da história mundial. (TROTSKY, 1950, p. 510).

A concepção de que o destino da revolução proletária, num país atrasado, estava diretamente influenciado pelo caminho da revolução mundial, revelou-se o eixo de toda uma estratégia revolucionária para o século XX. Trotsky se libertou das amarras do fatalismo econômico, da afirmação da total dependência do político em relação ao econômico no âmbito da teoria, em que a dominação econômica da burguesia deveria ser seguida pela sua dominação política antes que ambas pudessem ser superadas, graças à percepção das implicações internacionais da expansão mundial do capital financeiro. O caminho percorrido pelo capitalismo desde a morte de Marx exigia uma reinterpretação das possibilidades revolucionárias do proletariado, e da relação entre política nacional e economia internacional. A transformação econômica da Rússia tinha sido impressionante nos anos precedentes, com um crescimento econômico centrado principalmente na indústria, nos meios de transporte modernos (estradas de ferro) e no emprego industrial como percentual do emprego total.

A produção industrial, o comércio em dinheiro, o emprego industrial e os meios mecânicos de transporte e comunicação cresceram, durante o quarto de século precedente à “Grande Guerra”, em ritmos que quadruplicavam o crescimento demográfico e duplicavam o crescimento da população urbana. Restava uma última linha de defesa para as concepções “etapistas”: a consciência de classe proletária se ressentia, para os “marxistas legais” e os mencheviques, do fato que a Rússia agrária e semi-industrial não conheceu o desenvolvimento capitalista nem as modificações sociais, políticas e culturais decorrentes (a *modernização*) para que se pudesse falar de proletariado consciente e de socialismo.

A transformação cultural e ideológica da sociedade russa, não apenas de sua economia, seria, desse modo, condição prévia absolutamente necessária para a possibilidade de uma ditadura do proletariado. O raciocínio esquecia que toda a modernização e progresso do capitalismo - necessários para o surgimento de um proletariado consciente e revolucionário - não resultaram no próprio Ocidente europeu, no início do século XX, em qualquer movimento que se assemelhasse em combatividade e envergadura ao 1905 russo. Não se tratava, por outro lado, no caso da Rússia, de um proletariado tão ignorante quanto às suas reivindicações, nem tão inexperiente.

Quanto à consciência socialista propriamente dita:

É verdade, naturalmente, que o progresso da consciência depende do crescimento do número de proletários conscientes, e que a ditadura do proletariado pressupõe que estes tenham se tornado numerosos o suficiente para se impor diante da resistência da contrarrevolução burguesa. Mas isso de forma alguma significa que 'a grande maioria' da população deve se tornar proletária; nem 'a grande maioria' do proletariado, socialista consciente.

O exército conscientemente revolucionário do proletariado devia ser mais forte do que o exército contrarrevolucionário do capital; enquanto que as camadas intermediárias da população, receosas ou indiferentes, deviam se encontrar em uma situação tal que a ditadura do proletariado as atraísse para o lado da revolução ao invés de repeli-las para o lado de seus inimigos; o que a política proletária deveria levar em consideração. Tudo isso pressupunha a hegemonia da indústria sobre a agricultura, e o domínio da cidade sobre o campo, um processo que já se verificava objetivamente no desenvolvimento capitalista russo (TROTSKY, 1975a).

A agricultura russa, mesmo que ainda majoritária em termos numéricos *sociais* absolutos, não possuía a importância *econômica* ou o peso da indústria russa. A essa altura, a antiga hegemonia do campo já havia cedido lugar ao domínio econômico da indústria e da cidade, responsável pelo espantoso crescimento produtivo russo no século XIX (quase 500%, uma taxa quase equivalente à inglesa, e muito superior à francesa, austríaca ou italiana). As taxas de crescimento da agricultura e da indústria russas, entre 1860

e 1913, estavam na média ou acima da média do padrão europeu no mesmo período, mesmo entre os países mais avançados da Europa Ocidental.

No crescimento econômico global do país, no entanto, fazia-se sentir o peso do setor agrícola, que ainda respondia por mais de 74% da produção total em 1880. A baixa produtividade deste setor indicava que o crescimento econômico da agricultura no período não se deu por mais eficiência no trabalho, mas preponderantemente pela incorporação de novos trabalhadores. O atraso também se fazia sentir na indústria russa, embora cada vez menos. Em 1887, 82,4% da produção industrial russa era composta por produtos básicos e de baixo valor agregado; em 1900, esse valor tinha caído para 73,4 %, e em 1908 para 71,6 %. Na virada do século XIX, a Rússia era ainda conhecida como “o celeiro da Europa”; *socialmente*, continuava existindo um predomínio do trabalho rural sobre o urbano.

Trotsky reconhecia que a consciência socialista do proletariado russo estava longe de ser “plenamente desenvolvida”; que o proletariado não estava composto integralmente por “socialistas conscientes”. Mas também rejeitava a ideia de que fosse preciso que a maioria dos operários fosse socialistas conscientes. Bastava que houvesse um núcleo consciente - bem entendido, de operários, e não simplesmente de revolucionários profissionais. Trotsky alertava para o fato de que a ausência de um proletariado composto majoritariamente por socialistas conscientes era uma característica não apenas da Rússia, mas também das sociedades capitalistas:

De fato, não podia ser de outro modo, já que a própria existência do capitalismo infecta e distorce a consciência das massas. Uma ‘regeneração moral’ completa, objetivo do socialismo, era impossível no interior de uma sociedade não socialista; aqueles que pregavam que a natureza humana tem que ser transformada antes que o socialismo possa ser alcançado, faziam apenas ‘prorrogar o socialismo por vários séculos. (KNEI-PAZ, 1979, p. 126).

No plano do socialismo internacional, a revolução russa de 1905 foi o sinal de que a era do desenvolvimento pacífico do capitalismo estava chegando ao fim e se fazia necessário preparar o proletariado para os novos tempos – que exigiam uma nova tática. A maioria dos socialistas não conseguiu compreender isto. Começou a se constituir lentamente uma ala

esquerda da Internacional que foi encabeçada pelos bolcheviques e pela esquerda da social democracia alemã, dirigida por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Na luta política interna na II Internacional, Lênin conseguiu ser reconhecido como representante do POSDR (junto com Plekhánov), desde 1905, no Bureau Socialista Internacional (BSI) cargo que manteve até a explosão da I Guerra Mundial.

Em 1907, no Congresso Socialista Internacional de Stuttgart, a moção sobre a atitude e o dever dos socialistas em caso de guerra (“utilizar a crise provocada pela guerra para precipitar a queda da burguesia”), foi apresentada conjuntamente por Lênin, Rosa Luxemburgo e o menchevique Martov. Durante o período que Massimo Salvadori chamou de “radicalização de Kautsky”, o da revolução russa de 1905 e sua influência europeia (SALVADORI, 1978), o ideólogo da Internacional Socialista esteve entre os primeiros socialdemocratas europeus a alertar acerca da significação revolucionária internacional dos acontecimentos russos, a partir da guerra russo-japonesa de 1904, assim como acerca do papel de vanguarda que caberia ao proletariado na revolução russa. Para Kautsky:

Uma revolução não poderia estabelecer imediatamente na Rússia um regime socialista, pois as condições estão ali demasiado atrasadas. Não poderia estabelecer, portanto, mais do que um regime democrático; este, porém, estaria submetido ao impulso de um proletariado enérgico e impetuoso que arrancaria por sua própria conta concessões importantes. Uma constituição semelhante não deixaria de influir poderosamente nos países vizinhos: desde logo estimularia e aticaria nelas o movimento operário, que receberia assim um impulso vigoroso que lhe permitiria entregar-se ao assalto às instituições políticas que se opõem ao advento de uma verdadeira democracia - antes de mais nada, na Prússia, o sufrágio das três classes. Logo desencadearia as múltiplas questões nacionais da Europa Oriental. (KAUTSKY, 1979, p. 12-13).

Kautsky limitava o horizonte revolucionário russo a uma “verdadeira democracia”. Trotsky, no entanto, levou em conta a posição à esquerda que o veterano dirigente socialista ocupava nesse momento na Internacional, e reivindicou as análises de Kautsky como confirmatórias do seu próprio balanço da revolução de 1905:

Segundo Kautsky, a Rússia está caracterizada no terreno econômico por um nível relativamente baixo de desenvolvimento capitalista, e na esfera

política pela falta de importância da burguesia capitalista e pelo poder do proletariado revolucionário. Esta análise conduz a que a ‘luta pelos interesses de toda Rússia corresponda à *única classe forte atualmente existente*, o proletariado industrial’. Tudo isto, não nos dá o direito de concluir que o ‘servo’ russo pode chegar ao poder antes de seus ‘amos’?.

Karl Kautsky agiu como uma espécie de catalisador do impacto da revolução russa no socialismo ocidental:

Intervindo repetidamente sobre a ‘natureza’ da revolução russa, ele traçou uma análise das tarefas da socialdemocracia russa que lhe valeu a admiração e o aplauso de Lênin. Revendo as conclusões a que chegara em *Die Soziale Revolution*, sob a influência das ‘lições’ da insurreição armada de Moscou (dezembro de 1905) - chegou a afirmar que não era de excluir que, também no Ocidente, a luta armada readquirisse um papel na fase do choque frontal entre o proletariado e o Estado capitalista. (SALVADORI, 1982, v. 2, p. 324).

Outros militantes de projeção internacional intervinham nesse debate. Já antes de 1905,

intervindo no debate sobre a greve geral, Parvus teorizou - em antes do desencadeamento da revolução na Rússia e, portanto, das ‘lições’ fornecidas pelos grandes movimentos de massa russos - que a greve geral representava a forma específica na qual estava destinada a ter início o processo revolucionário proletário... A revolução russa era vista por Parvus no interior desse processo internacional, dessa dialética entre imperialismo e revolução em escala mundial. Ela se apresentava como aspecto particular de um fenômeno geral. (SALVADORI, 1984, v. 3, p. 278-279).

Mas, embora Parvus afirmasse que “a revolução russa abala o mundo capitalista em seus fundamentos políticos, e o proletariado russo pode adquirir o papel de vanguarda da revolução social”, ele limitava a projeção dessa revolução:

Não se trata ainda da ditadura do proletariado, cuja tarefa é mudar pela raiz as relações de produção no país; todavia, já dá um passo além da democracia burguesa. Não podemos considerar ainda como nossa tarefa a transformação da revolução burguesa em socialista. Mas consideramos ainda menos necessário nos submetemos à revolução burguesa. Nossa tarefa consiste em ampliar os limites da revolução burguesa,

no interior dessa impulsionarmos os interesses do proletariado, e no âmbito da constituição burguesa criar a base mais ampla possível para a transformação revolucionária da sociedade.¹⁰

Já para Trotsky, o comportamento das classes sociais e de seus partidos durante a revolução de 1905 confirmava a perspectiva da revolução permanente, isto é, da revolução democrática que se transformava em proletária em um processo ininterrupto:

Sob a dominação política do proletariado, a introdução do dia de trabalho de oito horas teria que conduzir a consequências muito diferentes. O fechamento de fábricas e empresas pelos capitalistas naturalmente não pode ser motivo para prolongar a jornada de trabalho por parte de um governo que se quer apoiar no proletariado e não no capital - como o liberalismo - e que não quer desempenhar o papel de intermediário “imparcial” da democracia burguesa. Para um governo operário só há uma saída: a expropriação das fábricas e empresas fechadas e a organização de sua produção sobre a base da gestão coletiva”.

Não só histórica, mas também politicamente, esta perspectiva da revolução implicava expectativas completamente diversas às imaginadas até então, não só pelos socialistas, mas pelo conjunto das frações políticas da “sociedade civil” russa:

Agora, e por muito tempo, a revolução russa encerrou o caminho da edificação de qualquer ordem burguesa constitucional que pudesse solucionar mesmo que só as tarefas mais simples da democracia. No que se refere aos burocratas reformistas do estilo de Witte e Stolypin, todos seus esforços ‘ilustrados’ vão água abaixo, o que se comprova com o simples fato de que eles mesmos se vêm obrigados a lutar por sua própria existência... Nossa opinião é que a revolução russa criará as condições sob as quais o poder pode passar para as mãos do proletariado (e, em caso de uma vitória da revolução, assim tem que ser) antes que os

¹⁰ *Die Neue Zeit*, XXIV, 1905-1906, v. I. Parvus foi o autor do prefácio do folheto *Antes de 9 de janeiro* de Trotsky, publicado em 1905 em Genebra, onde este expôs pela primeira vez a tese da “revolução permanente”. Embora nesse prefácio Parvus já adiantasse alguns dos temas da análise do desenvolvimento histórico da Rússia que Trotsky expôs depois em 1905 e, sobretudo, na *História da Revolução Russa* (especialmente o caráter “asiático” e não “europeu” do desenvolvimento urbano russo, tema que Parvus retomou da obra do historiador e político liberal Pável Miliukov) ele chegou só a formular que “o conceito de um governo revolucionário provisório e uma república democrática, até agora utópicos, adquirem (na Rússia) um caráter de realidade política” (Cf. ZVERETEMICH, Piotr. *Il Grande Parvus*. Milão: Garzanti, 1988. p. 88-89).

políticos do liberalismo burguês tenham a oportunidade de fazer um desdobramento completo de seu gênio político. (TROTSKY, 1975b).

Os anos de 1908 a 1911 corresponderam, na Rússia, a um período de contrarrevolução vitoriosa. O crescimento industrial começou a se reaquecer a partir de 1910, dando novo ímpeto ao movimento operário. Quando em janeiro de 1912 a conferência do POSDR de Praga consumou de vez a cisão dos bolcheviques com as outras correntes da socialdemocracia russa, Lênin não a apresentou como a ruptura entre reformistas e revolucionários, mas dos defensores do “verdadeiro partido operário” contra os “liquidadores”. Anos depois, Trotsky recapitulou o processo partidário de conjunto:

Em 1903 teve lugar a cisão entre mencheviques e bolcheviques. Em 1912 a fração bolchevique tornou-se definitivamente um partido independente. Ensinou-nos durante doze anos (1905-1917) reconhecer a mecânica de classe da sociedade nas lutas e nos grandiosos acontecimentos. Educou quadros capazes, quer de iniciativa quer de disciplina. A disciplina da ação revolucionária apoiava-se na unidade da doutrina, nas tradições de lutas comuns e na confiança numa direção experimentada.

Em 1914 (pouco antes da guerra), devido ao isolamento internacional dos bolcheviques (inclusive em relação à ala esquerda da Internacional Socialista, cuja dirigente Rosa Luxemburgo se aliara aos mencheviques e ao “Bloco de Agosto” liderado por Trotsky), os bolcheviques admitiram uma nova e infrutuosa “conferência de unificação” da socialdemocracia russa. Entre 1912 e 1914, sobre bases históricas mais desenvolvidas e um proletariado mais concentrado e numeroso, o movimento de greve na Rússia cresceu novamente. Uma nova ofensiva proletária foi lançada, brutalmente interrompida pela Primeira Guerra Mundial. A guerra teve o efeito imediato de desorientar politicamente as massas e fornecer aos diretores de fábricas a oportunidade de “falar uma linguagem patriótica em nome de suas empresas”.

A guerra mudou também a composição da classe operária: em Petrogrado, principal centro econômico do país, os efetivos da mão de obra industrial foram renovados com a guerra e com o recrutamento de

operários para o *front* em quase 40%. Mas, rapidamente, já em 1915, o aumento do custo de vida e o agravamento das condições de trabalho, com o ressurgimento dos traços da exploração mais gritante, fez com que surgissem novas greves econômicas que, não obstante, possuíam um limitado alcance político. A liderança operária estava desorientada, e muitos de seus líderes presos, com o agravante de que nesse período ocorreu um fluxo de uma mão de obra pouco qualificada e politicamente inexperiente para dentro das fábricas, que substituiu os operários enviados para o front bélico. Os efeitos catastróficos da guerra para os trabalhadores industriais e para os camponeses russos, e até para a “classe média”, porém, mudaram em termos relativamente rápidos a situação de retrocesso político.

REFERÊNCIAS

- ANWEILER, O. *Los Soviets en Rusia 1905-1921*. Madri: Zero, 1977.
- AVENAS, D. *Teoria e política no pensamento de Trotsky*. Lisboa: Delfos, 1973.
- BROUÉ, P. Observaciones sobre la historia del partido bolchevique. In: RUBEL, M. et al. *Partido y revolución*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1971.
- _____. *Trotsky*. Paris: Fayard, 1994.
- DEUTSCHER, I. *Trotsky: el profeta armado*. México: ERA, 1976.
- ELSTER, Jon. *Making sense of Marx*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- JOUBERT, J. P. Lénine et le jacobinisme. *Cahiers Leon Trotsky*, Saint Martin d'Hères, n. 30, jun. 1987.
- KAUTSKY, K. *O caminho do poder*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- KNEI-PAZ, B. *The social and political tthought of Leon Trotsky*. Oxford: Claredon Press, 1979.
- KURZ, R. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- LÊNIN, V. I. *El desarrollo del capitalismo en Rusia*. Barcelona: Ariel, 1974.
- LÊNIN, V. I.; LUXEMBURGO, R. *Partido de Massas ou Patido de Vanguarda?* São Paulo: Ched, 1980.
- LEWIN, M. Illusion communiste ou réalité soviétique? *Le Monde Diplomatique*, Paris, dez. 1996.

- LÖWY, M. Revolução permanente e revolução burguesa em Marx e Engels. *Discurso*, São Paulo, n. 9, nov. 1978.
- MAKHAIIVSKI, J. W. *Le socialisme des intellectuels*. Paris: Seuil, 1978.
- RUBEL, M. *Marx, Critique du Marxisme*. Paris: Payot, 1974.
- SALVADORI, M. *Kautsky e la rivoluzione socialista*. Milão: Feltrinelli, 1978.
- _____. Kautsky entre ortodoxia e revisionismo. In: HOBSBAWM, E. J. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. v. 2.
- _____. A socialdemocracia alemã e a revolução russa de 1905. In: HOBSBAWM, E. J. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. v. 3.
- STRADA, V. A polêmica entre bolcheviques e mencheviques sobre a revolução de 1905. In: HOBSBAWM, E. J. (Org.). *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. v. 3.
- TROTSKY, L. *Histoire de la Révolution Russe*. Paris: Seuil, 1950.
- _____. *Balance y perspectivas*. Buenos Aires: El Yunque, 1975a.
- _____. *Resultados y perspectivas*. Buenos Aires: El Yunque, 1975b. (1a edição, 1906).
- _____. *A revolução permanente*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- WALLERSTEIN, I. *O capitalismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- YASSOUR, A. Leçons de 1905: Parti ou Soviet? *Le Mouvement Social*, Paris, n. 62, jan./mar. 1968.
- ZINOVIEV, G. *History of the Bolshevik Party*. From the beginnings to February 1917. Londres: New Park, 1973.
- ZVERETEMICH, P. *Il Grande Parvus*. Milão: Garzanti, 1988.